

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**VIDAS DE MULHERES: ESTUDO SOBRE DIFERENTES GERAÇÕES DE
MULHERES JUDIAS BRASILEIRAS E AUSTRALIANAS**

BRUNA KRIMBERG VON MUHLEN

ORIENTADORA: Prof.(a) Dr.(a). MARLENE NEVES STREY

Tese de Doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social.

Porto Alegre
Janeiro de 2017

Ficha Catalográfica

V945v von Mühlen, Bruna Krimberg

Vidas de mulheres : estudo sobre diferentes gerações de mulheres judias brasileiras e australianas / Bruna Krimberg von Mühlen . – 2017.

141 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Neves Strey.

Co-orientadora: Profa. Dra. Suzanne Rutland.

1. Mulheres. 2. Judias. 3. Gênero. 4. Gerações. 5. Feminismo. I. Strey, Marlene Neves. II. Rutland, Suzanne. III. Título.

RESUMO

A presente tese apresenta estudos que visam dar visibilidade às mulheres judias, bem como desconstruir alguns estereótipos como colocar a mulher judia sempre ligada à maternidade (*yddish mama*); e por fim a médio e longo prazo poder romper os ciclos de perseguição que a população judaica sempre enfrentou. O objetivo foi compreender a identidade judaica de mulheres ao longo de três gerações, a partir das histórias de vidas das participantes, observando fatores, dentro do ciclo vital, que tornam as mulheres cativas de normas e papéis; em três famílias inseridas na cultura brasileira e outras três inseridas na australiana. Na composição da tese, foram realizados quatro estudos. O primeiro estudo foi um ensaio temático que teve como objetivo apresentar argumentos contra e a favor das mulheres judias que buscam os mesmos direitos que os homens judeus. O segundo estudo foi uma revisão sistemática da literatura sobre mulheres judias, gênero e feminismo, que apresentou estudos encontrados em pesquisa realizada nas bases de dados da biblioteca da Universidade de Sydney. O terceiro estudo foi empírico, qualitativo, trabalhando com interpretações das realidades sociais, valorizando o significado dos fenômenos pelas mulheres e a importância do contexto social e histórico em que foram construídos. Neste terceiro momento foram realizadas entrevistas narrativas de histórias de vida, individuais, com nove mulheres judias no sul do Brasil. Este objetivo foi para investigar e compreender as construções dos discursos das mesmas sob a luz da teoria do espaço consciente, bem como teorias de gênero, feministas e sistêmicas, de família; utilizamos a análise de Discurso proposta que trabalha com o sentido do discurso manifesto e busca os efeitos de sentido. Para finalizar, o quarto estudo foi realizado no período de doutorado sanduíche, em Sydney, que consistiu em replicar o método do terceiro estudo com mais nove mulheres de uma cultura diferente, australiana, num país de tamanho territorial similar ao Brasil, e que em número de população judaica apresenta quantidade similar. Foi possível identificar, a partir das entrevistas analisadas que as mulheres de terceira geração já usufruem de maiores direitos por serem mulheres, que as suas avós, que enfrentaram mais barreiras em termos de trabalho e mesmo vida pessoal. E as mulheres de segunda geração representam a transição de mudanças conquistadas em termos de espaço público e privado, com liberdade de escolhas, mesmo que seja, manter as antigas tradições, tanto no Brasil quanto na Austrália. A importância deste trabalho foi dar espaço às mulheres judias, marginalizadas em termos de antissemitismo e mesmo dentro da própria religião e cultura, em que há influência do patriarcado no judaísmo, onde os judeus ainda detém maior poder e subjagam as judias em correntes mais ortodoxas; enquanto as mulheres judias mais liberais exercem direitos mais equitativos de cidadania, e tem a liberdade de seguir seus desejos com menos restrições e barreiras.

Palavras-Chave: Mulheres, Judias, Gênero, Gerações, Feminismo.

Área conforme classificação CNPQ: 7.07.00.00/1 - Psicologia

Subárea conforme classificação CNPQ: 70705003 - Psicologia Social

ABSTRACT

This thesis presents studies that aim to give visibility to Jewish women, as well as deconstruct stereotypes such as associating these women to motherhood (Yiddish Mamma); also break the cycle of persecution that Jewish community has encountered over time. The aim was to understand the identity of Jewish women over three generations, using life history narratives of the participants to observe factors, within their lives cycle, which made these women captive of norms and roles; in three families inserted in the Brazilian culture and three other inserted in the Australian culture. This thesis is composed by four studies. The first one was an essay that aimed to present arguments against and in favor of Jewish women fighting for the same rights as Jewish men. The second study was a systematic review of the literature about Jewish women, gender and feminism, and presented studies found in a research made in the Sydney University's library database. The third one was qualitative empiric study which worked with the interpretations of the women's social reality, highlighting the meaning or the phenomenon experienced by them and the importance of social and historic contexts; individual interviews where women told narratives of their life's sorties were made with nine Jewish women in the south of Brazil, aiming to investigate and understand the construction of their speeches in light of the theory of the conscious space, as well as gender, feminist and systemic theories; the discourse analysis was used searching for the meaning of the speeches. The fourth study was made while I was made during my exchange semester, in Australia. It is a reproduction of the third study, but with nine women from a different culture, Australian, in a country with a similar territorial size and Jewish population (in numbers) as Brazil. Results: It was identified, through the analysis of interviews, that the third generation women benefit from more rights than their grandmas, who encountered more barriers in terms or work and personal life, while second generation women represent a transition of changes acquired in terms of public and private space, having more freedom to make choices, even if that is to maintain old traditions, in both Brazil and Australia. The importance of this research was to give space to Jewish women, who are kept in disadvantage not only because of anti-Semitism, but also within their own religion and culture, due to the influence for the patriarchy in Judaism, where, in orthodox community, Jewish men still hold more power and subjugate the women; while more liberal Jewish females exercise citizenship with more equality and have the freedom to follow their wished with less restrictions and barriers.

Keywords: Women, Jewish, Gender, Generations and Feminism.

Area according to CNPQ rating: 7.07.00.00/1 - Psychology

Subarea according to CNPQ rating: 70705003 - Social Psychology

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ESTRUTURA DA TESE	16
2.1 Artigo 1 - A conquista das mulheres do muro: O muro deve ser de todos e todas ..	17
2.2. Artigo 2 - As mulheres judias e os estudos de gênero: uma revisão sistemática.....	24
2.3. Artigo 3 - O significado de ser mulher judia para três gerações de famílias do sul do Brasil.....	50
2.4 Artigo 4 - Women's Lives: A Study of Different Generations of Australian Jewish Women.....	84
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
Anexo 1 - Parecer do Comitê de Ética	118
Anexo 2 - Página inicial do artigo 1 publicado na revista Arquivos Maaravi.....	123
Anexo 3 - Carta de submissão de publicação do artigo 4 submetido para Australian Journal of Jewish Studies.....	125
Anexo 4 - Normas de publicação na Revista Estudos feministas.....	128
Anexo 5 - Normas de publicação na Revista Cadernos Pagu.....	131
Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	134
Anexo 7 - Glossário.....	136
Anexo 8 - Os dez mandamentos em inglês.....	138
Anexo 9 - Os dez mandamentos em português.....	140

1. INTRODUÇÃO

Como estudante de psicologia escutei inúmeras vezes ao longo dos anos na faculdade, que deveríamos treinar observar sem julgar; e como mestranda, que pesquisadores deveriam ser neutros; até que como doutoranda, na banca de qualificação, escutei que seria justo e autêntico, eu me colocar, isto é, explicar de que lugar eu falo. Isto foi corroborado com minhas experiências ao longo do doutorado e com a visão pós-moderna: nenhuma pesquisa é neutra.

Meu interesse pelo tema de pesquisa inicia por eu ser filha de mãe judia, e neta de avó judia. Mesmo sendo filha de pai não judeu, sempre estudei em colégio judaico. Comemorava festas judaicas com a família materna e festas como Natal, com a família paterna, respeitando as diferentes tradições, apesar de ter maior entendimento de significados da cultura judaica.

Ao longo da minha vida fui percebendo e sentindo o judaísmo mais como cultura do que religião, pois a cada judeu que cruzava meu caminho, seja em Israel, Sydney, Estados Unidos, Panamá; existia uma conexão, tínhamos algo em comum, que nos identificava. A primeira vez que fui morar fora, em 2006, não foi diferente. Minha avó judia fez contato com a presidente da *Women International Zionist Organization* em Sydney, organização da qual sempre fez parte, no Brasil, e todas as sextas, dia de *Shabat*, eu era recebida por esta família para jantar com eles. Anos depois, em 2016, a situação se repetiu durante meu doutorado sanduíche em Sydney. No entanto, desta vez, além desta família, minha orientadora na Universidade na Austrália, também me convidava para as jantãs de sexta na sua casa. E três, das quatro famílias que entrevistei na Austrália, também me convidaram para o *shabat* nas suas casas, onde fui muito bem recebida e me senti emocionada em participar. Senti que as mulheres entrevistadas haviam se sentido escutadas, valorizadas, e queriam retribuir de alguma forma. Finalmente, o bairro que morei, em 2006 e em 2016, é um bairro sobretudo turístico, mas habitado principalmente por judeus.

A segunda motivação para o tema desta tese, também pessoal, como mulher, foi dar visibilidade às mulheres judias de forma que ajudasse a criar uma consciência que rompesse com barreiras naturalizadas. Ao falar de mulheres, exploro as questões de

gênero com um ponto de vista feminista. Ao falar de barreiras que judias enfrentam, exploro as questões que judeus ortodoxos impõem às mulheres judias. Mas antes de começar esta pesquisa, pensava nas barreiras, devido principalmente ao antissemitismo, que segundo Hannah Arendt (1974), o antissemitismo moderno é a versão secularizada de populares superstições medievais, pré-conceitos e mitos que surgiram e foram sendo transmitidos. Poderia citar milhares de exemplos de consequências do antissemitismo, além do Holocausto, ou da Inquisição, ou mesmo quando os judeus que foram escravos no Egito, ou os atentados terroristas recentes contra judeus. Eu, em dezembro de 2014 estava num ônibus e uma senhora sentou do meu lado e começou a conversar. De repente ela disse que achava que deveria existir um Hitler no Brasil para acabar com todos os políticos. Dou-me conta que muitas vezes me sinto uma mulher judia cativa, quando, por exemplo, minha avó me alertou para não fazer escala em Dubai quando fosse para Sydney, por eu ser judia. Mas como tenho, além de cidadania brasileira, a italiana, no passaporte italiano só há o sobrenome do pai, alemão, assim não iriam ver meu sobrenome judeu. De fato, mostrei o passaporte italiano em Dubai, e o agente da imigração falou comigo em italiano!

Finalmente minha terceira motivação foi a terapia sistêmica, teoria na qual me especializei e por ser psicóloga de famílias. Poder entender as interações que se dão entre as mulheres e suas famílias e compreender as transmissões geracionais. Sobretudo em relação às questões de gênero e da identidade e cultura judaica, podendo entender o contexto de cada mulher entrevistada, através de suas famílias de origem. Experiências e influência da cultura na qual estavam inseridas - sendo influenciada, assim como a abordagem sistêmica, pelo construcionismo social. E também, pela escola narrativa, criada pelo australiano Michael White, que trabalha com o significado que as pessoas dão às suas vivências, muitas vezes, influenciadas pelas narrativas sociais dominantes. Narrativas tornam-se verdades internalizadas, naturalizadas e faz com que as pessoas julguem suas experiências conforme padrões criados pela sociedade (Nichols, 2006).

Como base teórica, na tese foram usadas teorias de gênero, a partir do que feministas trouxeram à tona, de que o lugar de inferioridade que mulheres ocupavam, não era consequência de um determinismo biológico, mas produto de uma cultura criada por homens, que as colocava em lugar de submissão. Assim, o(s) feminismo (s) tem muito que colaborar enquanto teoria que defenda princípios de igualdade. E que ao mesmo

tempo explicita as relações de poder, levando em consideração as diferenças e subjetividades das mulheres. O feminismo pode desvelar o espaço de poder para os corpos e colabora para refletir sobre os cativeiros das mulheres. E pode até mesmo reverter a delicada situação das mesmas. Para que tal quadro se reverta, muitas ações simultâneas e articuladas entre setores precisarão ser realizadas efetivamente, inclusive em termos de religião no judaísmo, onde os mais ortodoxos seguem à risca as leis judaicas, do velho testamento, obviamente, sexistas.

Sobre isto, em alguns países mais desenvolvidos, como a Austrália, as próprias organizações de mulheres judias promovem diálogos entre líderes religiosos e convidados – como representantes de movimentos LGBT – com a comunidade judaica local, fazendo pensar e questionar o que está posto ou cristalizado por correntes ortodoxas, que não dão espaço para reinterpretação da Torá. Tive a oportunidade de participar de um evento desse âmbito. Felizmente, no Brasil também está começando a se promover discussões feministas em algumas comunidades judaicas.

Dito isto, esta pesquisa encontra-se associada ao projeto “Vida de Mulher: Intensificando a busca do conhecimento sobre as mulheres” do grupo de pesquisa “Relações de gênero”, coordenado pela Profa. Dra. Marlene Neves Strey, que tem como objetivo desenvolver estudos sobre as mulheres, a partir de uma perspectiva feminista e de gênero.

Devido à dissertação de mestrado e artigos já desenvolvidos sobre o grupo étnico-cultural judaico (Mühlen & Strey, 2012; Mühlen, 2012), surgiu o interesse de estudar as mulheres judias de diferentes gerações e que vivem em Porto Alegre. As mulheres judias, assim como muitas mulheres de outras etnias, foram invisibilizadas ao longo da história e ainda o são atualmente, com a diferença de que a imagem da “*Yddishe mama*” ou “*Jewish mama*” (mãe judia) sempre teve uma representação muito disseminada e estereotipada. Ao mesmo tempo em que esta representação dá certa visibilidade às mulheres dessa etnia, também perpetua a questão sexista de associar as mulheres apenas à maternidade (Muhlen & Strey, 2015).

Outras atividades desenvolvidas durante a pesquisa de doutorado, no Grupo Relações de Gênero da PUCRS, também tiveram muita importância. Como a publicação do livro “Caminhos de homens: gênero e movimentos”, organizado por Marlene Neves

Strey, Bruna Krimberg von Muhlen e Kelly Cristina Khon. Ter participado da organização desse livro, que compõe a coleção Gênero e Contemporaneidade da EDIPUCRS, foi uma grande experiência pessoal e profissional, visto como uma oportunidade de tornar público e científico, no campo dos Estudos da Psicologia Social Crítica e dos Estudos Feminista de Gênero, novas contribuições de pesquisas sobre a vida judaica. Bem como o dicionário crítico de gênero, que tive o privilégio de contribuir com o verbete Identidade e recentemente, em janeiro de 2017, com o convite de escrever o verbete *mulheres judias*. Estes dois verbetes presentes estão presentes na minha dissertação e também na minha tese; tendo como uma das organizadoras, a querida e competente Ana Maria Colling (Colling & Tedeschi, 2015).

Também, durante o doutorado, tive a oportunidade de participar como convidada internacional para conferência na Universidade Rafael Landívar, na cidade da Guatemala, a falar sobre minha pesquisa de doutorado, em uma das apresentações, e mais do que compartilhar e dar visibilidade a mulheres e questões de gênero. Senti-me aprendendo com estudantes da Guatemala, sobre as relações de gênero naquele país lindo, mas onde infelizmente, é tabu falar de relações de gênero, pois a influência da cultura patriarcal é enorme; impedindo que mulheres transcendam em alguns espaços, visto que muitas pessoas, sobretudo homens e mulheres mais velhas, temem que os valores (machistas) se percam. Assim mulheres se tornam cativas, muitas vezes por toda a vida. Uma aluna contou em privado, que em cidades do interior eram os pais que tiravam a virgindade das filhas. O sexismo também aparecia nas camisetas de alguns professores em que não havia o logotipo do congresso, pois o símbolo eram borboletas coloridas. Por fim, um guia turístico criticou as mulheres que usam saia curta; e de quebra (eu estava de calça comprida) me elogiou, mesmo eu dizendo que tinha namorado, e ele sendo casado.

Finalizando, a maravilhosa oportunidade e experiência de doutorado sanduíche na *The University of Sydney*, onde fui bem recebida pelas orientadoras Suzanne Rutland e Avril Alba, até pelos outros professores do núcleo, como Michael Abrahams-Sprod, com o qual tive a oportunidade de participar de algumas aulas e aprender sobre o tema de pesquisa. Também pude participar de um congresso de estudos judaicos e compartilhar meu trabalho, e aprender com os outros apresentadores. Não poderia deixar de mencionar a biblioteca da universidade, onde encontrei diversos livros sobre meu tema de pesquisa, que não havia encontrado no Brasil, assim como artigos. Fui muito bem recebida por

todas as doze mulheres que entrevistei. Experiência que sem dúvidas enriqueceu minha tese.

Ainda sobre livros, na semana que cheguei em Sydney, fiquei na casa de Beverly e Charles Kaplan, onde encontrei um livro e iniciei a ler. Chamava-se *Unorthodox* (Feldman, 2012), curiosamente sobre uma mulher que nasceu numa família judia ortodoxa de Nova York, e ao perceber-se presa ao que era esperado de mulheres (casar, ser mãe) mas que não era, necessariamente, seu desejo, rompeu barreiras para libertar-se.

Outra ‘coincidência’ foi uma das entrevistadas australianas, espontaneamente, falar sobre as mulheres do muro, tema do primeiro artigo da tese, que já estava pronto no momento da entrevista. Assunto que também foi abordado por algumas das mulheres que entrevistei no Brasil. Cada uma das vinte e uma histórias de vida me emocionou.

Assim, são apresentados os artigos, que resultaram das investigações em que buscamos dar espaço para que as mulheres judias pudessem se expressar e usar a sua voz:

O primeiro artigo foi um ensaio crítico que focou argumentar e contra-argumentar sobre os direitos das mulheres judias, baseados em um fato ocorrido em Israel, em 2013 (período do início do doutorado), protagonizado pelas ‘mulheres do muro’, já publicado na Revista *Arquivos Maaravi*, intitulado A conquista das mulheres do Muro das Lamentações (Muhlen & Strey, 2016).

O segundo artigo é uma revisão sistemática da literatura com o *corpus* encontrado na biblioteca da Universidade de Sydney, eram documentos eletrônicos de artigos a livros, de 2006 a 2016, que tratavam do tema mulheres judias e gênero.

O terceiro artigo referente à pesquisa que visou entender o que é ser mulher judia para três gerações diferentes de famílias brasileiras, sob a lente dos estudos de gênero e feministas, além da teoria do espaço consciente (Burale, 2004). Essas foram as entrevistas narrativas de histórias de vida para mulheres judias de diferentes gerações que vivem no RS (apenas uma das entrevistadas não mora em Porto Alegre).

O quarto artigo, também empírico, replicou o método usado no terceiro artigo, mas entrevistando mulheres judias de famílias australianas, também visando averiguar se existem diferenças em ser “mulher judia” para diferentes gerações e quais barreiras estas mulheres enfrentam, enfrentaram ou/e superaram. E já foi submetido à Revista Australiana *Australian Journal of Jewish Studies*.

Referências

- Arendt, Hannah (1974). *Origens do totalitarismo*. Madrid: Taurus.
- Burlae, Krista K. (2004). The theory of mindful space: Identifying, understanding, and preventing violence. *Affilia*, (19) 1, 85-98.
- Colling, Ana M., & Tedeschi, Losandro. A. (2015). Dicionário crítico de gênero. *UFGD*.
- Feldman, Debora (2012) *Unorthodox: The Scandalous Rejection of My Hasidic Roots*. Simon & Schuster, (272p) ISBN 978-1-4391-8700-5.
- Muhlen, Bruna K. von & Strey, Marlene N. (2016). A conquista das mulheres do Muro das Lamentações. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, 10(18), 60-68.
- Mühlen, Bruna Krimberg von, & Strey, Marlene Neves (2012). Judeus de bombachas: marcas de gênero na imigração judaica no Rio Grande do Sul. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 3(2), 104-105.
- Mühlen, Bruna Krimberg von (2012) Léon Back: Professor, cirurgião dentista e líder da comunidade judaica do Rio Grande do Sul, no período de 1908 até 1960. *Webmosaica*, 4, 146-154.
- Muhlen, Bruna K. von & Strey, Marlene N. (2015). As mulheres e o Holocausto: dando visibilidade ao invisível. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 9, n. 17, nov. ISSN: 1982----3053.
- Nichols, M. P. Schwartz. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres judias sempre foram perseguidas e violentadas, tendo seus direitos violados, pelos não judeus (como na Inquisição, nos pogroms, no Holocausto.), mas também pelas leis judaicas, e conseqüentemente pelos homens judeus que não as permitiam serem líderes religiosas, participar do *mynian*, ler a *Torá*. Cada um dos 4 artigos deixa evidente que as mulheres judias, assim como outras, ainda enfrentam barreiras sexistas, mas felizmente, muitas já têm consciência e conseguem transcender a novos espaços, vivenciando novas maneiras de existir dentro do judaísmo.

Falar do novo, é falar em reconstrução, isto é, desconstruir velhas maneiras para construir novas formas de ser e estar no mundo. Somado a isto, o fato de trabalhar com teorias de gênero, questionando o que está naturalizado na sociedade como verdade, faz com que esta pesquisa sirva para contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, onde mulheres possam seguir seus desejos, sem ter que deixá-los de lado, ou para trás, para servir suas famílias, ou, sua religião.

Neste sentido, algumas mulheres judias feministas, como as reformistas que são rabinas, usam *thalit*, *kipah*; e as mulheres do muro, buscam direitos iguais, como as mulheres da primeira onda do feminismo, que na busca por espaços de poder, almejam o poder masculino, como se o valor no judaísmo também estivesse nas atividades exercidas por homens judeus.

Sobre mulheres líderes religiosas, chamadas rabinas, foi citado no primeiro artigo da tese Leone (2012) que falou que O Hebrew Union College, reformista, ordenou a primeira mulher na América como rabinas, em 1973. E assim este artigo foi submetido e publicado, no entanto, antes da entrega da versão final da tese, foi encontrado uma referência mais recente (Foa, 2016) que constata que foi na Alemanha de 1935, que foi nomeada a primeira rabinas da história: Regina Jones. O motivo pela sua invisibilidade, talvez seja, pois que em 1942 ela foi deportada para Theresienstadt; e em 1944 para Auschwitz. Outra possibilidade, como hipotetiza Foa (2016) é porque “*assumir um papel só masculino, e demonstrar que as mulheres são talvez mais adequadas do que os homens para exercer este cargo*” era ameaçador, e talvez ainda o seja para muitos. E, segundo a

própria rabina, citada por Foa (2016): “*Deus colocou aptidão e chamadas nos nossos corações, sem distinção de gênero*”.

É necessário salientar que apesar de algumas mulheres judias trazidas aqui nesta tese parecerem lutar por direitos iguais aos de homens judeus; o que estaria dentro do feminismo da igualdade; como pesquisadora que fala de um lugar feminista, me situo no pós-feminismo. Isto é, Fraser e Nicholson (1992) propõem uma aproximação da teoria feminista ao pós-modernismo, batizado de pós-feminismo, que substituiria as noções unitárias de mulher e identidade genérica feminina por conceitos de identidade social que são plurais e complexos, onde a categoria de análise gênero é relevante, mas é uma entre tantas outras, como geração ou etnia.

Observamos que mulheres judias ainda buscam a igualdade quando por exemplo querem rezar igual aos homens, não só em voz alta, mas utilizando por exemplo, *kipah*; o que pode ser uma armadilha, pois significaria que apenas o masculino teria valor; sem criar novas possibilidades de subjetividades. Rago (2004) fala que é preciso falar de pós feminismo, que está comprometido em recusar as subjetivações ditas femininas ou masculinas, que são impostas pela sociedade e, portanto, implica na identidade de mulher santificada, e na imagem de homem retrógrada e autoritária.

O fato de as mulheres hoje poderem ser rabinas reflete uma mudança nas camadas mais liberais do judaísmo, não necessariamente um rompimento total de cativerios, afinal mulheres ascendendo em cargos de chefia em empresas, por exemplo, não faz necessariamente das empresas menos machistas e menos reprodutoras de desigualdades e violências. O fato de haver cada vez mais mulheres rabinas nas camadas menos ortodoxas significa que estão ascendendo a posições ainda masculinas e talvez conservadoras; não necessariamente uma abertura do ponto de vista de uma releitura do próprio judaísmo.

É preciso questionar a universalização da mulher como repetição do homem. E assim, abrir espaço para as diversas formas de ser mulher, neste caso, judia; o que Foucault denominou de artes da existência. Assim, claro que a mulher pode e deve rezar em espaços públicos ou ocupar cargos de líder religiosa e ser o que quiser. O que é delicado é as mulheres acreditarem que para isso devem se “masculinizar” ou que precisam disto pois só o masculino tem valor. Empoderar-se vai muito além, e tem a ver

com liberdade de subjetividades, indo além de igualdade de direitos. Conforme Boaventura de Sousa Santos (2001, p.11), “os direitos humanos só vão alcançar seu potencial emancipatório quando ficarem livres de seu falso universalismo e se tornarem multiculturais”, plurais.

Butler põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política de identidade, vem se articulando. Ela defende que a categoria gênero seria contextual e não fixa, pois nada é em si mesmo, tudo só existe num processo de diferenciação. Por isso fala que o feminismo presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar (Butler, 2003, p. 213), enquanto que na era pós-moderna, a legitimação se faz plural. Assim a desconstrução de gênero é apontada como um fator de esvaziamento dos estudos feministas em prol da teoria *queer*.

Apesar de estar falando de feminismo e de mulheres judias, também falo de uma posição sistêmica, em que a mudança em algumas partes do sistema, implica necessariamente transformações em outras; isto é, o feminismo também atingiu os homens, e desestabilizou a identidade masculina, que por muito tempo rejeitava tudo o que era considerado culturalmente feminino, como a expressão de sentimentos, e a possibilidade de experiências mais realistas. Mas nesta tese também buscamos ir além, desconstruindo lógicas binárias limitantes, que não dão espaço para cada um ser e estar no mundo das mais diversas formas possíveis, e não apenas feminina ou masculina.

Acredito que a pesquisa foi importante pois além de dar visibilidade às mulheres judias, permitiu trazer à tona que não existe só uma forma de ser mulher judia; existem cada vez mais rabinas, sinagogas reformistas, e até mesmo linhas mais liberais dentro do judaísmo ortodoxo. A possibilidade de cada um viver o judaísmo como achar melhor, respeitando as diversas formas de o ser é no que acredito como psicóloga que sem julgar e sem pré-conceitos busco o respeito à diferença. Acredito que a pluralidade enriquece. Mesmo nas famílias em que algumas repetições de valores em relação as tradições judaicas, e gênero, ainda terem força de lei, se as mulheres se dizem felizes assim, é o que importa; mesmo que não tenham consciência da sua origem, muitas vezes, patriarcal.

Como psicóloga sistêmica e feminista, doutora em psicologia pelo grupo de Relações de gênero inserido na área de psicologia social, e professora das cadeiras de

família da faculdade de psicologia da Universidade de Caxias do Sul, me sinto responsável por desconstruções. Assim como o feminismo tem seu papel político e social, que desestabiliza, e busca um mundo mais solidário para todos, me sinto comprometida com a sociedade. Para, através do meu trabalho, fazer a minha parte para tornar as pessoas mais humanas e livres, além de menos egoístas, e mais conscientes com o compromisso social. Por isso, situo esta pesquisa também dentro da complexidade (Morin, 2014), base da ciência novo-paradigmática; ligada ao pensamento sistêmico, que nos lembra que tudo está interligado, o que cada pessoa faz tem reflexo nas outras.

Assim como minha dissertação sobre sobreviventes judeus da Segunda Guerra me emocionou, enquanto psicóloga, mulher, e judia, a cada história de vida; na pesquisa de doutorado também teve um fator de identificação importante, tornando cada história de vida, de lutas e superação, especial, tanto no Brasil, quanto na Austrália.

Pude perceber uma gratidão recíproca, da minha parte como pesquisadora, de me receberem, de se abrirem, e até mesmo de me convidarem para jantar nas suas casas com suas famílias posteriormente; se sentindo escutadas, valorizadas e algumas emocionadas, mostrando vínculo. Afinal, como colocou Foucault (1996), o discurso é o sujeito inaugurado no mundo da fala. Por outro lado, também me senti valorizada como pesquisadora e como mulher judia, sendo um prazer dar meu olhar, minha escuta, e visibilidade a cada uma; e depois também ter espaço para falar, e elas escutarem.

A cada entrevista que finalizava pensava “cada mulher tão diferente, mas todas de alguma forma com histórias que inspiram, cada uma, única, mulheres de grandes histórias, mulheres admiráveis, pois sofreram, lutaram, conquistaram, muitas vezes sozinhas, independentes, cada uma com muita força e muita competência, e muitas, cada uma com suas diferenças, se empoderaram.

Esta trajetória realizada no doutorado não se encerra neste momento, pois representa parte de mim, como mulher, judia, pesquisadora, professora, psicóloga, feminista; e sabemos que a construção e identidade é um processo inacabado, devido as constantes experiências que seguimos tendo ao longo da vida, e que nos transformam. Não sou a mesma de quando comecei o doutorado (Foucault, 1996). Sobre isto, Anzaldúa (1991, p. 252-253) fala que identidade “*não é um amontoado de cubículos estufados*

respectivamente com intelecto, sexo, raça, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre, sobre, aspectos de cada pessoa. Identidade é um [...] processo”.

Indo além, diria que o trabalho de pesquisa dos quatros anos de doutorado, não termina com estes artigos, perpassa as salas de aula das graduações e até mesmo ambientes sociais não acadêmicos, cativos de dispositivos sociais de manutenção do sexismo, antissemitismo, entre outros males, que não permitem que as mulheres vivam como quiserem, incluindo a diversidade existente dentro das próprias correntes do judaísmo. Me sinto responsável enquanto pesquisadora, de transmitir um conhecimento tão invisibilizado pela literatura científica.

As mulheres judias também estavam de fora de estudos das interseccionalidades, isto é, o estudo da intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. E aqui, todas mulheres de que abordamos nos quatro artigos são judias, mas mostramos que todas têm uma posição social em termos de raça, classe social, nacionalidade, geração; e até em termos de sionismo. Neste sentido de interseccionalidades que Anzaldua (1991) traz o termo *queer* que veio para romper com binarismos de gênero como uma nova categoria identitária, mas também homogeniza a diversidade, sob o qual todos os ‘queers’ de todas as raças, etnias e classes são colocados juntos. Mas a autora também fala que às vezes necessitamos dessa unificação para solidificar nossos lugares contra quem nos oprime.

É preciso ainda dizer que nenhum representante único poderia falar por todas as mulheres judias, por isto, pensar as entidades em termos de *différance*, como propõe Derrida (1973), mantém as mulheres parte desta pesquisa em sua pluralidade, sem generalizar e as homogeneizar em uma única identidade. Assim, ao afirmar que há diferença, sabemos da separação entre o representante e os representados. Como mulher judia, não falo pela pluralidade das mulheres judias; ao dar oportunidade a cada mulher entrevistada de se colocar, fica evidente uma só pessoa não representa as experiências e opiniões de todas. Conforme Young (2006) “*uma pessoa só pode ser representada se tudo a seu respeito potencialmente tiver voz no processo político*”.

A tese também não se encerra aqui, pois, além dos quatro artigos já produzidos, haverá um comparativo das diferentes culturas (Porto Alegre, Brasil e Sydney, Austrália), a “cereja do bolo”. Por questões de tempo, alheias a nós, o quinto artigo ainda não foi

produzido, visto que a bolsa para o doutorado sanduíche foi concebida apenas no último ano de doutorado (2016/1), e o comitê de ética deu sua aprovação apenas um mês antes da finalização da bolsa. Somado a isto, o tempo para transcrever cada uma das entrevistas em inglês; e por fim escrever o artigo das entrevistas australianas, ao longo do último semestre do doutorado (2016/2), fez com que trouxéssemos nestas considerações finais, algumas específicas de comparação.

Primeiramente, registro que foi uma experiência de valor inestimável a oportunidade de escutar mulheres judias em dois países tão distantes; de tamanho populacional distinto, cultura distinta, tamanho de comunidade judaica diferentes, idioma diferente. Segundo o censo de 2010, havia 107.329 pessoas no Brasil em 2010 de religião judaica, sendo a população total do país, em torno de 200 milhões. Enquanto que segundo o censo de 2011 na Austrália, a população total é de 23 milhões de habitantes, e 120.000 são judeus e judias (IBGE, 2010; Ahren, 2011). A primeira semelhança vem de que todas as mulheres entrevistadas vivem na diáspora, onde as primeiras gerações de suas famílias foram vítimas de perseguições, mas todas judias tem a mesma origem.

Tanto nas entrevistas com mulheres judias brasileiras tanto australianas percebe-se que, no discurso das primeiras gerações, que antigamente não existia tanta assimilação, isto é, integração das pessoas de cultura judaica, na cultura do país de destino, em que iam viver. Seguir o judaísmo como os pais era natural; como fala D1, que acredita que antes, a responsabilidade de mulheres no judaísmo era cuidar da família, ter filhos, e preparar jantares de *Shabat*, comportamentos esperados de mulheres na cultura patriarcal, mas também fala que hoje se tem mais informações, possibilidades, inclusive de questionamentos de valores patriarcais e de gênero que influenciam a sociedade, e que não é diferente no judaísmo. Portanto, hoje há mais miscigenação, o que muda a forma da terceira geração de ver e seguir o judaísmo.

Reflexo disso é a dificuldade que as mulheres de segunda geração relatam, em relação a criar os filhos dentro do judaísmo, dentro de uma sociedade multicultural, tanto a australiana quanto a brasileira. Creese (2013) salienta a pressão que as mulheres sofrem para se casar com judeus, e educar seus filhos segundo o judaísmo. Isto aparece na fala de uma entrevistada brasileira de segunda geração, MA, quando fala “*Eu tenho certeza que eu estou fazendo a coisa certa para minha filha, porque eu prezo muito um casamento*

judaico e eu desejo, eu sonho e eu quero que ela case com um judeu, que tenha filhos judeus. Não depende de mim isso, depende dela, mas eu estou fazendo a minha parte". E também aparece no discurso de uma judia australiana de terceira geração, D3, ao dizer que nunca pensou em não casar com judeu, e que espera que seus filhos encontrem parceiros judeus; mas que caso não aconteça, ainda serão seus filhos.

Esta responsabilidade de criação dos filhos segundo o judaísmo como atribuição da mãe, faz levantar um questionamento para pesquisas futuras: será que isso seria relatado diferente se os pais fossem entrevistados também? As mulheres são educadas para dar continuidade às tradições e as meninas sentem essa pressão de serem aquelas que darão seguimento ao judaísmo da família. Os padrões transgeracionais ficam evidentes e esta responsabilidade das mulheres judias é passada de geração a geração, mas felizmente também vemos uma abertura de gerações mais novas, como na fala de FA, brasileira, ao dizer sobre este tema: *"não tenho essa preocupação no momento de família, de gerações futuras, essa, essa preocupação de preservação, né... Eu, pelo menos por enquanto, não consigo ter essa vontade e ter essa, essa adaptação que ela [mãe] consegue ter"*. Isto corrobora com o que D1, australiana de terceira geração, defende. Ela acredita que as pessoas deveriam ter consciência das restrições que as mulheres enfrentam e que as expectativas de gênero podem ser injustas com todos, que não deveríamos ter que esperar até entrar na universidade para perceber que mulheres não são valorizadas. Para isto, sugere que as escolas judaicas deveriam seguir uma abordagem pluralista que permita estudantes decidirem que tipo de judeus/judias desejam ser. Aqui acrescento outra sugestão para pesquisas futuras: Como ficariam as mulheres judias que não desejam casar ou ser mães?

Ainda se tratando da terceira geração, tanto no Brasil quanto na Austrália percebe-se a visão dos mais jovens do judaísmo mais como uma cultura do que como religião. A ideia de que não é preciso seguir regras, como ir a Sinagoga ou cobrir a cabeça, para sentir-se judia, como no caso da australiana D3, que acredita que sua mãe é uma judia melhor do que sua sogra, pois sua sogra pratica as leis judaicas da alimentação e frequenta a sinagoga; já sua mãe não, mas doa dinheiro para causas judaicas. Ela também conta que seu marido aceita que ela não siga as leis da alimentação judaica na casa deles; mas a sogra não pode saber. Este é o caso de muitas judias mais liberais que não se sentem reconhecidas pelos ortodoxos. Estes últimos seguem as tradições à risca, por isto

percebemos nas falas das mulheres certa culpa, ou seja, existe uma cobrança de que mulheres judias devem se comportar de determinada forma, o que seria uma violência segundo Burlae (2004). Afinal, elas não teriam a liberdade de escolher os espaços que querem ocupar, sem sentir incômodos.

Aqui estudamos as mulheres judias e percebemos as barreiras impostas pela religião quando mais ortodoxa. Fica a sugestão de pesquisas futuras que comparem a peruca no judaísmo com a burca ou lenço no islamismo, por exemplo, e até mesmo o véu no cristianismo. No judaísmo, conforme conta MA, o uso da peruca tem uma justificativa divina, pois quando a mulher casa, ela recebe bênçãos que se grudam no cabelo e apenas o marido pode ver. Isto, parece ser mais uma armadilha do patriarcado, que eleva a mulher judia no discurso, argumentando que elas são mais espiritualizadas que os homens. Porém são excluídas dos espaços públicos, e têm sus corpos (e cabelos) controlados através da modéstia imposta, com a justificativa de que no judaísmo, a mulher é diferente do homem desde a alma, pois ela tem uma elevação tanto espiritual quanto física, o que a leva ter que ser recatada por causa do seu brilho e da sua sedução.

Certamente uma cilada, inteligente e até persuasiva, o fato de a mulher ser superior ao homem no judaísmo apenas no discurso, pois na ação não. Hannah Arendt (2009) destaca que o sujeito se caracteriza não apenas pela ação que executa, mas pelo discurso que pratica, quando anuncia o que fez no passado, faz no presente e pretende fazer no futuro (Arendt, 2009). A autora traz que a ação é possível somente no espaço público, e por isso é preciso ter consciência do sujeito político que se visibiliza; que se dá pelo reconhecimento da esfera pública.

Finalizando, deixamos uma lacuna para ser respondida por estudos futuros: Como se efetiva a possibilidade de uma mulher judia ser, ao mesmo tempo, feminista e religiosa? Já que os mandamentos do judaísmo são essencialmente machistas. Eu mais uma vez aqui me coloco como feminista, e judia cultural; e por não ser uma judia religiosa, que vejo que é possível ser feminista e não senti que estou ferindo preceitos do judaísmo ortodoxo, que não fazem sentido para mim na contemporaneidade; apesar de eu entender que um dia as tradições faziam mais sentido. Como por exemplo as leis da alimentação, tinham a ver com higiene e cuidado, mais do que com religião.

Por fim, considerando que a separação entre “nós” e “eles” é um mecanismo clássico de construção indenícia, segundo a psicologia social; esta é uma tese das diferenças. Pois, falamos das mulheres judias e não judias; judias e judeus; judias brasileiras e judias australianas; judias jovens e judias mais velhas; três gerações, dois países; e mesmo as de mesmo país e de mesma geração, são judias de formas diferentes; e as diferenças e pluralidades são além de riquíssimas, saudáveis, afinal, como bem trabalhou sua teoria, Murray Bowen, defende a diferenciação de self entre os membros de uma família, vertical e horizontalmente, como algo saudável, pois se diferenciar implica em ter autonomia, liberdade; para não reproduzir questões mal resolvidas de gerações anteriores (Nichols & Schwartz, 2007).

Termino, com uma citação da minha orientadora, Marlene Strey (2016): *“Aquele ‘quentinho no coração’ que nos lembra que somos seres humanos, que só vamos adiante com a ajuda uns dos outros (...) somente por meio de um pacto social em que instituições e indivíduos decidam resistir e buscar valores solidários e aceitação da diferença (e não apenas tolerância)”* podemos combater a intolerância ao diferente e respeitar a diversidade. E viva a diversidade de mulheres judias!

Referências

Ahren, Raphael (2011). Retirado de: <http://www.haaretz.com/israel-news/jafi-reforms-may-hurt-australian-immigration-to-israel-leader-says-1.351688>, acessado em janeiro de 2017.

Anzaldúa, Gloria (1991). To(o) Queer the Writer: Loca, Escrita y Chicana.” In: WARLAND, Betsy (ed.). *In:Versions: Writing by Dykes, Queers and Lesbians*. Vancouver: Press Gang, 1991. p. 249-63.

Arendt, Hannah (2009). *A condição Humana*. 11ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Butler, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Creese, Jennifer. *A Social History of Women in Brisbane's Modern Orthodox Jewish Community, 1865-1972*. Tese de doutorado, 2013.

Derrida, Jacques (1973). “Différance”. In: *Speech and phenomena and other essays: Husserl's theory of signs*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

Fraser, Nancy; Nicholson, J. Linda (1992) “Crítica social sin filosofía: un encuentro entre el feminismo y el posmodernismo”. In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). *Feminismo/posmodernismo*. Buenos Aires: Feminaria Editora, p. 7-29.

Foa, Anna. Regina Jonas a rabina esquecida. *Jornal L'osservatore Romano*. Novembro de 2016, acessado em fevereiro de 2017, retirado de <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/regina-jonas-rabina-esquecida>.

Foucault, Michel (1996). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Senso de 2010.

Leone, Alexandre (2012). A mulher na tradição judaica. Retirado de <http://bnei.org.br/blog/2012/09/04/a-mulher-na-tradicao-judaica/>, em 17 de junho de 2013.

Mundo PUCRS (2016). [Entrevista com Marlene Neves Strey] Intolerância. Retirado de <http://www.pucrs.br/mundopucrs/050/hashtag.html>.

Morin, Edgar (2014). *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Cortez Editora.

Nichols, Michael P. e Schwartz, Richard C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rago, Margareth (2004). A "mulher cordial": feminismo e subjetividade. *verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, (6).

Santos, Boaventura de Sousa (2001). Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Contexto internacional*, 23(1), 7.

Young, Iris M. (2006). Representação política, identidade e minorias. *Lua Nova*, 67, 139-190.